

Aula 7 – Tematologia: O Estudo Comparado de Temas e Mitos



Você já teve aquela sensação de *déjà vu* ao assistir a um filme e pensar: "eu já vi essa história antes"? Talvez a trama de um blockbuster de ficção científica ecoe um mito grego antigo, ou o dilema de um personagem de série pareça saído diretamente de uma peça de Shakespeare. Essa sensação não é coincidência. É o testemunho de que as histórias, assim como as pessoas, têm famílias, ancestrais e descendentes. Elas viajam no tempo, adaptando-se, vestindo novas roupas, mas mantendo um DNA reconhecível que atravessa séculos.

Para quem busca não apenas o prazer da leitura, mas também a validação de conhecimento em um concurso ou na academia, reconhecer essas conexões não é o suficiente. O verdadeiro desafio é entender *como* e *por que* essas transformações ocorrem. Como uma história contada na Espanha do século XVII se torna uma crítica social na França do século XVIII e um épico romântico na Inglaterra do século XIX? A resposta está em uma disciplina fascinante que funciona como uma espécie de arqueologia das narrativas.

Nesta aula, faremos exatamente isso: vamos nos tornar detetives literários. Iniciaremos desvendando o que é a **Tematologia**, a ferramenta que nos permite rastrear o DNA das histórias. Em seguida, mergulharemos na **Mitanálise**, focando em como mitos clássicos como o de Prometeu e Antígona são ressuscitados para responder às nossas inquietações mais atuais. Investigaremos a fundo a jornada de um dos personagens mais icônicos da cultura ocidental, Don Juan, e exploraremos o tema perturbador do "duplo" (*Doppelgänger*) em obras que vão de Dostoiévski a Saramago. Ao final, você terá um mapa para navegar pela vasta rede de narrativas que compõe nosso imaginário cultural.

A Arqueologia das Histórias: Desvendando a Tematologia



DNA Narrativo

Temas persistem através do tempo como código genético das histórias



Análise Profunda

Investigar não apenas o que, mas como e por que as histórias mudam



Conexões

Rastrear a evolução de temas através de culturas e épocas

Imagine encontrar um caderno de receitas que pertenceu à sua bisavó. Nele, há uma receita de bolo de fubá. Anos depois, você encontra a mesma receita no caderno da sua mãe, mas com uma pequena alteração: ela adicionou erva-doce. No seu próprio livro de receitas digital, a mesma base de fubá aparece, mas agora em uma versão vegana, com leite de amêndoas e menos açúcar. A essência do bolo está ali, mas cada versão conta uma história diferente sobre a época, os valores e os recursos de quem a escreveu. A literatura funciona de maneira muito parecida.

Histórias sobre o amor proibido, o pacto com forças sombrias ou a jornada do herói aparecem em todas as culturas e épocas. Seriam elas meras repetições, uma falta de criatividade dos autores? A resposta é um sonoro "não". O que ocorre é um diálogo contínuo com o passado. A **Tematologia**, também conhecida pelo termo alemão *Stoffgeschichte* (história dos materiais/temas), é o campo de estudo que se dedica a investigar exatamente isso: a persistência de um tema e, mais importante, as razões por trás de suas variações ao longo do tempo.

Conceito-chave: Pense na Tematologia como um **DNA narrativo**. Existe um código genético central – o tema do "indivíduo contra o sistema", por exemplo. Esse código persistiu desde a *Antígona* de Sófocles até *Jogos Vorazes*.

Contudo, ao ser inserido em "organismos" diferentes (as obras literárias) e em "ecossistemas" distintos (os contextos históricos), ele sofre mutações. Antígona desafia o Rei Creonte em nome das leis divinas na Grécia Antiga; Katniss Everdeen desafia a Capital em um futuro distópico midiático. A análise tematológica não apenas identifica o DNA comum, mas estuda essas "mutações" para entender o que elas revelam sobre cada sociedade.

Para um candidato a concurso, dominar essa visão é um diferencial. Permite construir argumentos sofisticados que conectam obras distantes no tempo, demonstrando uma compreensão profunda não apenas *do que* as histórias contam, mas de *como* e *por que* elas continuam a nos contar algo novo.

O Mesmo Rio, Novas Águas: Persistência e Variação

Se um tema é como um rio que atravessa a paisagem do tempo, é impossível que suas águas permaneçam as mesmas. O leito do rio pode até ser o mesmo – a estrutura do tema –, mas as águas que correm por ele são constantemente renovadas pelas "afluentes" da cultura, da política e da filosofia de cada época. A grande questão que a Tematologia nos ajuda a responder é: que forças causam essa transformação?

Persistência

- Estrutura narrativa central
- Conflitos humanos universais
- Arquétipos reconhecíveis
- Símbolos fundamentais

Variação

- Contexto histórico específico
- Valores culturais da época
- Tecnologias e descobertas
- Movimentos sociais e políticos

Um tema não viaja sozinho; ele carrega consigo as marcas de seu tempo, mas também é flexível o suficiente para dialogar com o futuro. As grandes mudanças sociais são, talvez, o principal motor de variação. A ascensão de uma nova classe social, uma revolução política, uma nova teoria científica ou um movimento de direitos civis podem pegar um tema antigo e infundi-lo com uma urgência completamente nova. O tema da "utopia", por exemplo, nasceu como um ideal filosófico no Renascimento, com Thomas More. Após as guerras mundiais e a ascensão do totalitarismo no século XX, esse mesmo tema se inverteu, dando origem ao seu gêmeo sombrio: a "distopia", em obras como *1984* e *Admirável Mundo Novo*.

A melhor analogia para entender a dinâmica de **persistência e variação** é a de uma canção popular e seus *covers*. Pense em uma música como "Hallelujah" de Leonard Cohen. A melodia e a letra principal (a persistência) são inconfundíveis. No entanto, ouvi-la na versão melancólica de Jeff Buckley ou na interpretação operística do Pentatonix revela novas camadas de significado (a variação).

Cada artista, com sua sensibilidade e em seu contexto, enfatiza diferentes aspectos da canção, transformando-a em algo que é, ao mesmo tempo, familiar e inédito.

Essa capacidade de se reinventar é o que garante a sobrevivência de um tema. Ele só permanece relevante porque consegue falar a língua de novas gerações, abordando suas ansiedades e esperanças. É um processo contínuo de tradução cultural que mantém a literatura vibrante e significativa.

Mitanálise: Quando os Deuses Falam a Nossa Língua



Código-Fonte Aberto

Mitos funcionam como programas que podem ser adaptados e reescritos para diferentes contextos históricos e culturais



Narrativas Fundadoras

Mitos são os sistemas operacionais que rodam no inconsciente coletivo, explicando origens e sentidos



Reinterpretação Constante

Cada época usa a linguagem simbólica dos mitos para debater suas questões mais urgentes

Dentro do vasto universo dos temas, existe uma categoria especial, quase como uma nobreza: os mitos. Mitos não são apenas histórias antigas de deuses e heróis. Eles são as narrativas fundadoras de uma cultura, os sistemas operacionais que rodam no inconsciente coletivo, explicando a origem do mundo, a natureza do sofrimento e o sentido da vida. Eles são o DNA cultural em sua forma mais pura e concentrada.

Mas o que acontece quando nós, em pleno século XXI, decidimos recontar a história de Ícaro, o jovem que voou perto demais do sol? Estamos apenas repetindo uma fábula sobre a desobediência? Ou estamos criando uma nova narrativa sobre ambição tecnológica, sobre os riscos do mercado financeiro ou sobre a pressão por alta performance que leva ao *burnout*? É aqui que entra a **Mitanálise**, um ramo da Tematologia que se concentra especificamente na reescrita e reinterpretação dos mitos.

Mitanálise em ação: A Mitanálise funciona como se tratasse os mitos clássicos como um **código-fonte aberto (*open-source*)**. Autores, cineastas e artistas de diferentes épocas são como programadores que pegam o código original e o adaptam para novos sistemas operacionais.

Um "programador" da era romântica, como Mary Shelley, adapta o código do mito de Prometeu – o titã que roubou o fogo dos deuses para dá-lo à humanidade e foi severamente punido por isso – para criar *Frankenstein*, um programa que roda no "sistema operacional" da Revolução Industrial e questiona a ética científica. Já um programador do século XX poderia usar o mesmo código para debater a proliferação de armas nucleares.

Essa abordagem nos mostra que visitar um mito nunca é um ato neutro. É uma forma de usar uma linguagem simbólica poderosa e universalmente reconhecida para debater as questões mais urgentes do nosso próprio tempo. A seguir, veremos como o código-fonte de alguns dos mitos mais importantes do Ocidente foi adaptado para rodar em nossas máquinas modernas.

Prometeu, Antígona e Édipo: Mitos no Espelho do Agora

Prometeu



Conflito central: A rebelião em nome do progresso

Versão moderna: *Frankenstein* de Mary Shelley – o "Prometeu Moderno"

Questão atual: Responsabilidade científica e tecnológica

Antígona



Conflito central: Consciência individual vs. lei do Estado

Versões modernas: Jean Anouilh (resistência ao nazismo), adaptações latino-americanas (ditaduras)

Questão atual: Desobediência civil e direitos humanos

Édipo



Conflito central: A busca trágica pela verdade

Versão moderna: Complexo de Édipo (Freud) – internalização do mito

Questão atual: Autoconhecimento e inconsciente

Imagine que a tradição literária ocidental se apoia em alguns pilares narrativos, estruturas tão fundamentais que quase toda grande história construída depois dialoga com elas. Os mitos de Prometeu, Antígona e Édipo são três desses pilares. Eles encapsulam conflitos eternos: a rebelião em nome do progresso, o embate entre a consciência individual e a lei do Estado, e a busca trágica pela verdade a qualquer custo. Vejamos como eles foram reerguidos em novos contextos.

O mito de **Prometeu** é, em sua essência, a história da consequência da inovação. Ao dar o fogo (símbolo do conhecimento, da tecnologia) à humanidade, ele nos liberta, mas também atrai a ira dos deuses. Essa tensão é a base de inúmeras narrativas modernas. O exemplo mais famoso é *Frankenstein*, de Mary Shelley, que carrega o subtítulo "O Prometeu Moderno". Victor Frankenstein, ao criar vida, personifica a ambição prometeica, mas sua tragédia serve como um alerta sombrio sobre a responsabilidade que acompanha o poder de criar. O "fogo", aqui, é a própria centelha da vida, e o castigo não vem de um deus ciumento, mas da própria criatura abandonada.

Já **Antígona**, a heroína de Sófocles que desafia seu tio, o Rei Creonte, para dar um enterro digno a seu irmão, tornou-se o arquétipo universal da desobediência civil. Sua história é recontada sempre que o conflito entre a lei moral (ou divina) e a lei humana se torna insustentável. Durante o século XX, dramaturgos como Jean Anouilh, na França ocupada pelos nazistas, e Bertolt Brecht usaram o mito de Antígona para refletir sobre a resistência ao autoritarismo. Em contextos latino-americanos, o mito foi adaptado para dar voz à luta das mães e familiares de desaparecidos políticos, transformando o palco em um ato de protesto.

Por fim, a saga de **Édipo**, o homem que, sem saber, cumpre a profecia de matar o pai e casar-se com a mãe, é a tragédia da busca pela autoconsciência. No início do século XX, Sigmund Freud transpôs o mito do destino para o inconsciente, formulando o "Complexo de Édipo". A história deixou de ser sobre a futilidade de lutar contra os deuses para se tornar uma narrativa sobre nossos desejos reprimidos e a estrutura da psique humana. O mito foi internalizado, mostrando que, às vezes, a verdade mais terrível que buscamos está dentro de nós mesmos.

Don Juan: O Sedutor que Seduziu o Tempo



Vamos agora fazer um estudo de caso aprofundado, rastreando a jornada de uma das figuras mais magnéticas e perturbadoras da literatura mundial: Don Juan. Ele não é um deus grego nem um herói trágico, mas um nobre espanhol cuja identidade se define por uma compulsão: a conquista e a transgressão. A notável longevidade desse mito moderno, que fascina e repele há mais de 400 anos, nos oferece uma janela privilegiada para as mudanças na moral, na religião e na psicologia da sociedade ocidental.

400 anos de evolução narrativa

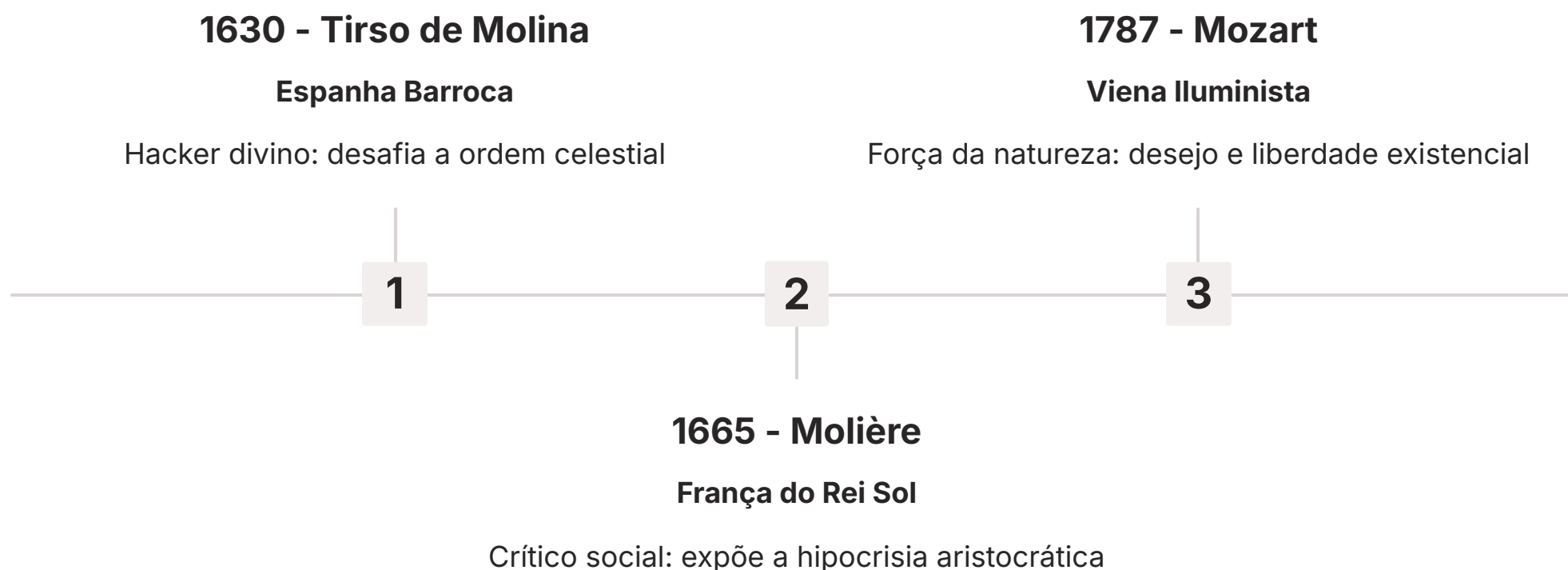
A nossa investigação começa na Espanha do século XVII, em pleno Barroco. A primeira versão canônica do personagem surge na peça *O Burlador de Sevilha e o Convidado de Pedra* (c. 1630), atribuída a Tirso de Molina. Este Don Juan Tenorio original é, acima de tudo, uma figura teológica. Sua motivação não é o prazer sensual, mas a "burlar" – enganar, zombar, ludibriar. Ele seduz mulheres não por amor ou desejo, mas pelo prazer de quebrar promessas, desonrar famílias e, em última instância, desafiar a própria ordem divina. Sua famosa frase, "*¡Qué largo me lo fiáis!*" ("que prazo tão longo me dais!"), resume sua filosofia: ele acredita que terá tempo de sobra para se arrepender antes da morte.

Pense no Don Juan de Tirso de Molina como um **hacker da moralidade divina**. Ele não busca ganhos materiais; seu objetivo é encontrar e explorar falhas no sistema de honra social e de justiça celestial.

Ele viola a confiança de nobres, camponesas e até mesmo de suas amigas, movido por uma arrogância monumental de que o sistema de salvação pode ser enganado no último minuto. O clímax da peça, em que a estátua do Comendador (um homem que ele assassinou) o arrasta para o inferno, é a firewall divina se mostrando impenetrável. A mensagem é um aviso claro: a justiça de Deus pode tardar, mas não falha.

Este era o ponto de partida. O personagem era um instrumento para uma lição de moral católica sobre a danação. Mas a semente da rebeldia e do individualismo contida em Don Juan era poderosa demais para ficar restrita a um sermão. A história estava prestes a cruzar fronteiras e a se transformar radicalmente.

De Molière a Mozart: O Mito em Nova Roupa



O "código-fonte" do mito de Don Juan, com seu protagonista carismático e desafiador, provou ser altamente adaptável. Ao sair da Espanha católica e entrar na França do Rei Sol, uma nação marcada pelo racionalismo e pela sátira social, o personagem precisou de uma atualização para continuar relevante. O hacker divino de Tirso de Molina estava prestes a se tornar um filósofo libertino nas mãos de Molière.

Em sua peça *Dom Juan* (1665), Molière pega a estrutura básica da lenda, mas muda completamente o foco. Seu Don Juan é menos um pecador contra Deus e mais um crítico da hipocrisia da aristocracia. Ele é um "grande senhor, mas mau homem", um libertino que usa a lógica e a razão para justificar sua inconstância e seu ateísmo. A sedução se torna uma ferramenta para expor a vaidade e a artificialidade das convenções sociais. A famosa cena em que ele declara que sua única crença é que "dois e dois são quatro" o transforma de um simples blasfemo em um símbolo do ceticismo iluminista. A peça é uma comédia de costumes, uma crítica social afiada disfarçada de lenda popular.

- ☐ **Transformação-chave:** De instrumento teológico para ferramenta de crítica social – o mito se adapta ao contexto cultural francês do século XVII.

Um século depois, em Viena, o mito ganha sua versão mais célebre e complexa com a ópera *Don Giovanni* (1787), de Wolfgang Amadeus Mozart e do libretista Lorenzo Da Ponte. Aqui, o personagem atinge uma profundidade psicológica inédita. Ele não é apenas um crítico social nem um pecador; é uma força da natureza, um redemoinho de vitalidade, desejo e energia destrutiva. A música de Mozart lhe confere uma aura de charme irresistível, ao mesmo tempo que revela sua escuridão interior. A obra, classificada como um *dramma giocoso* (drama cômico), equilibra perfeitamente o tom, alternando entre a comédia do servo Leporello e a tragédia das vítimas de Giovanni. Sua recusa final em se arrepender, mesmo diante do fogo do inferno, torna-se um ato de afirmação existencial aterrorizante e grandioso.

A jornada até aqui já é notável. O personagem evoluiu de um exemplo teológico para um instrumento de sátira social e, finalmente, para um complexo estudo psicológico sobre o desejo e a liberdade. O próximo capítulo de sua vida o levaria às mãos dos românticos, que o veriam sob uma luz totalmente nova.

O Don Juan Romântico e a Sombra que Nos Habita

A chegada do Romantismo no final do século XVIII e início do XIX mudou as regras do jogo. A razão e a ordem do Iluminismo deram lugar à celebração da emoção, do individualismo e da figura do "herói" marginalizado e em conflito com a sociedade. Um personagem como Don Juan, que vive segundo suas próprias leis e é movido por um desejo insaciável, parecia feito sob medida para essa nova sensibilidade. No entanto, os românticos acrescentaram uma camada de melancolia e cansaço ao sedutor inveterado.

A transformação mais radical veio com o poeta inglês Lord Byron e seu monumental poema épico satírico, *Don Juan* (1819-1824). Byron vira o mito de cabeça para baixo. Seu Juan não é o predador calculista de seus antecessores, mas um jovem ingênuo e passivo que é frequentemente o seduzido, não o sedutor. Ele é jogado de uma aventura para outra – de um naufrágio a um harém turco, passando pela corte russa – e serve como um pretexto para Byron desfilar seu olhar cínico e espirituoso sobre a guerra, a política, a religião e os costumes de sua época. O foco se desloca completamente do pecado do herói para a corrupção do mundo que o cerca.



Essa evolução fascinante nos mostra o poder da Tematologia em ação. Um único personagem se torna um espelho para as preocupações de quatro séculos diferentes. Para organizar essa jornada, um quadro comparativo pode ser útil.

Versão	Autor & Época	Motivação Principal de Don Juan	Gênero / Foco
O Burlador	Tirso de Molina (Barroco Espanhol)	Desafiar a lei divina e social pela transgressão	Drama Teológico
Dom Juan	Molière (Classicismo Francês)	Expor a hipocrisia social através do libertinismo	Comédia de Costumes / Sátira Social
Don Giovanni	Mozart/Da Ponte (Classicismo/Iluminismo)	Força vital, desejo insaciável e liberdade individual	Ópera (<i>Dramma Giocoso</i>)
Don Juan	Lord Byron (Romantismo Inglês)	Ser um observador passivo da corrupção do mundo	Poema Épico Satírico

Isso nos leva a outro tema igualmente duradouro e talvez ainda mais íntimo: a exploração da nossa própria sombra, a ideia de que existe um "outro" dentro de nós. Vamos agora mergulhar no mundo inquietante do **Doppelgänger**.

O Espelho Quebrado: O Tema do Duplo na Literatura



Você já caminhou por uma rua movimentada e teve a súbita e estranha impressão de ver a si mesmo à distância? Ou talvez, em um momento de raiva ou medo, você sentiu como se uma outra pessoa, uma versão mais sombria de você, estivesse no controle de suas ações. Essa experiência de uma identidade dividida, de um "outro eu", é a matéria-prima de um dos temas mais psicologicamente potentes da literatura: o **Doppelgänger**, termo alemão que significa "duplo ambulante".

O que é o Doppelgänger?

Um "duplo ambulante" que representa a divisão da identidade humana

Função Literária

Bisturi psicológico para dissecar as complexidades da identidade

Questão Central

Somos uma personalidade única ou um campo de batalha de impulsos?

Este tema vai muito além do artifício de um "gêmeo do mal" em uma novela. Ele é um bisturi que os escritores usam para dissecar as complexidades da identidade humana, para fazer perguntas que nos assombram: somos uma personalidade única e coesa, ou somos um campo de batalha de impulsos conflitantes? O que aconteceria se a nossa pior versão, nossos desejos mais reprimidos, de repente ganhasse vida e andasse pelo mundo com o nosso rosto?

O *Doppelgänger* funciona na literatura como um **teste de estresse psicológico**. O autor introduz uma duplicata – que pode ser física, como um sócia, ou psicológica, como uma segunda personalidade – para aplicar uma pressão insuportável sobre a identidade do protagonista.

A forma como o personagem reage a esse duplo – se ele o combate, se ele o aceita, se ele se funde a ele – revela suas verdades mais profundas e ocultas. O duplo é o segredo que guardamos de nós mesmos, batendo à nossa porta para exigir reconhecimento.

Essa exploração da dualidade humana se tornou especialmente proeminente no século XIX, uma era fascinada pelo funcionamento da mente, pelo oculto e pelo lado sombrio da modernidade. Três mestres da literatura – Dostoiévski, Poe e, muito mais tarde, Saramago – usaram esse "teste de estresse" para criar obras-primas sobre a fragilidade do "eu".

Dostoiévski e Poe: O Abismo Interior

Dostoiévski

O Duplo (1846)

Protagonista: Golyadkin, funcionário público inseguro

O Duplo: Colega idêntico, extrovertido e manipulador

Tema: Paranoia e auto sabotagem

Resultado: Usurpação da identidade e descida à loucura

Edgar Allan Poe

"William Wilson" (1839)

Protagonista: Narrador depravado

O Duplo: Outro William Wilson, sua consciência moral

Tema: Conflito entre desejo e moralidade

Resultado: Ao matar o duplo, assassina a si mesmo

No coração do século XIX, enquanto as cidades cresciam e a psicologia começava a engatinhar como ciência, o tema do duplo encontrou um terreno fértil. Ele se tornou o veículo perfeito para explorar a ansiedade, a alienação e a fratura da identidade do homem moderno. Na Rússia e nos Estados Unidos, dois mestres do suspense psicológico usaram o *Doppelgänger* para mapear a jornada de uma mente em direção ao colapso.

O escritor russo Fiódor Dostoiévski, em sua novela *O Duplo* (1846), nos apresenta a Golyadkin, um funcionário público consumido pela insegurança e por uma necessidade desesperada de ser aceito socialmente. Sua vida se transforma em um pesadelo quando um colega de trabalho idêntico a ele aparece. Este novo Golyadkin é tudo o que o original não é: extrovertido, confiante, charmoso e manipulador. Lentamente, o duplo usurpa sua identidade, roubando seu lugar no trabalho e na sociedade, empurrando o protagonista para a loucura. O duplo aqui não é uma entidade sobrenatural, mas a encarnação física da paranoia de Golyadkin, a personificação de seus medos e de sua auto sabotagem.

Do outro lado do Atlântico, Edgar Allan Poe ofereceu uma variação moral sobre o tema em seu conto "William Wilson" (1839). O narrador é perseguido desde a infância por um outro garoto com o mesmo nome, mesma aparência e mesma data de nascimento. A diferença crucial é que este duplo não é malévolo; pelo contrário, ele age como a consciência do narrador, aparecendo sempre para frustrar seus atos de crueldade e depravação, sussurrando conselhos morais. O protagonista passa a vida odiando e fugindo desse "outro" que o impede de se entregar totalmente a seus vícios. No clímax, ele finalmente confronta e apunhala seu duplo, apenas para se ver diante de um espelho, sangrando, e ouvir a voz do outro dizer: "em mim existias, e em minha morte, vê [...] quão totalmente assassinaste a ti mesmo."

Insight crítico: Tanto em Dostoiévski quanto em Poe, o duplo é um conflito interno que transbordou para o mundo exterior. Para o primeiro, é a projeção da ansiedade social e da insuficiência. Para o segundo, é a externalização da consciência moral que o protagonista tenta, em vão, destruir.

Eles nos mostram que, às vezes, o monstro que nos assombra tem o nosso próprio rosto.

Saramago e a Identidade em Xeque



Avançando para o final do século XX, o que mais o tema do duplo poderia nos dizer? Em um mundo cada vez mais globalizado e burocrático, onde a individualidade é ao mesmo tempo celebrada e ameaçada pela massificação, o encontro com um sócio ganha novas e perturbadoras implicações filosóficas. O prêmio Nobel português José Saramago retomou o tema em seu romance *O Homem Duplicado* (2002), despiando-o do horror gótico para vesti-lo com a angústia existencial contemporânea.

A crise da **identidade única** no século XXI

O protagonista, Tertuliano Máximo Afonso, é um professor de história divorciado e entediado, cuja vida monótona é virada de cabeça para baixo quando, ao assistir a um filme banal, ele descobre um ator que é sua cópia exata. O que se segue não é uma batalha entre o bem e o mal, mas uma investigação obsessiva que corrói o senso de identidade do professor. Se existe outra pessoa no mundo que é idêntica a você, o que resta da sua singularidade? Sua voz, seu rosto, suas impressões digitais – os marcadores da sua identidade – de repente não são mais exclusivamente seus.

A analogia que Saramago constrói é a de descobrir que a **chave mestra da sua casa, que você acreditava ser única, abre perfeitamente a porta do seu vizinho**. Toda a sua noção de segurança, privacidade e individualidade é instantaneamente abalada.

O romance explora o pânico filosófico que emana dessa descoberta. Não há fantasmas ou alucinações; o horror vem da constatação fria e real de que nossa identidade, nosso bem mais precioso, pode não ser tão única assim. É uma crise de identidade em um mundo que perdeu suas garantias metafísicas.



Século XIX

Duplo como conflito psicológico interno



Século XXI

Duplo como crise filosófica da singularidade



Era Digital

Identidade clonada, *deepfakes*, roubo de dados

Esta obra de Saramago, escrita no início do século XXI, dialoga profeticamente com as ansiedades da nossa era digital. Em um tempo de perfis clonados, *deepfakes* e roubo de identidade online, a pergunta "quem sou eu?" e a possibilidade de nossa identidade ser duplicada se tornaram questões concretas e tecnológicas. Conectando com as **Humanidades Digitais**, podemos imaginar como Saramago antecipou a crise do "eu" autêntico em um mundo onde a replicação de dados – incluindo os nossos dados biográficos e faciais – é trivial.

Novas Lentes: Temas, Mitos e o Olhar Pós-Colonial

O Problema

Muitos temas "universais" carregam pressupostos culturais e hierarquias de poder coloniais

A Resposta

Autores de ex-colônias reescrevem os mitos, em um movimento de "escrever de volta" (*writing back*)

O Resultado

Mitanálise como ato de afirmação política e cultural

Até agora, nossa jornada pela Tematologia se concentrou em grande parte no cânone ocidental. No entanto, um curso de Literatura Comparada em 2025 não pode ignorar uma questão crucial: a circulação de temas e mitos pelo mundo raramente foi um intercâmbio entre iguais. Durante séculos, ela foi profundamente marcada pelas relações de poder do colonialismo. A aplicação de uma **lente pós-colonial e decolonial** não é apenas uma tendência, mas uma necessidade crítica para uma análise mais justa e completa.

Exemplo: *A Tempestade*

Leitura tradicional: Alegoria sobre natureza vs. civilização

Leitura pós-colonial: Caliban como sujeito colonizado, Próspero como colonizador europeu



O problema é que muitos temas e mitos "universais" carregam em seu DNA pressupostos culturais e hierarquias de poder. Por exemplo, a peça *A Tempestade* de Shakespeare, por muito tempo lida como uma alegoria sobre o conflito entre natureza e civilização, ou arte e caos, ganha contornos muito diferentes sob um olhar pós-colonial. O personagem Caliban, o habitante nativo da ilha, descrito como um "selvagem" e "deformado", que é escravizado e tem sua língua tomada pelo colonizador europeu Próspero, torna-se uma poderosa representação do sujeito colonizado.

A resposta a isso vem de autores de ex-colônias que não apenas consomem esses mitos, mas os reescrevem ativamente, em um movimento de "escrever de volta" (*writing back*) ao centro imperial. O poeta e dramaturgo martinicano Aimé Césaire, em sua peça *Une Tempête* (Uma Tempestade), de 1969, reescreve a história de Shakespeare do ponto de vista de Caliban, que é reimaginado como um rebelde negro lutando por sua liberdade e identidade. Isso é Mitanálise como um ato de afirmação política, que subverte a narrativa do colonizador.

- 📖 **Estudos de Tradução:** Quando uma obra circula globalmente, ela não é apenas traduzida, mas "refratada" – sua luz é desviada e adquire novas cores ao passar pelo prisma de uma nova cultura. Um tradutor que escolhe verter as falas de Caliban usando expressões de um crioulo caribenho está fazendo muito mais do que trocar palavras; está realizando um ato crítico que devolve ao personagem a sua voz culturalmente específica.

O Planeta e os Pixels: Novas Fronteiras da Comparação



Ecocrítica

Analisa como a literatura representa a relação entre humanos e o ambiente não-humano

Exemplo: Comparar mitos de criação – Gênesis (domínio sobre a natureza) vs. mitos indígenas (interdependência)

Nossa exploração da Tematologia está quase no fim, mas o campo de estudos continua a se expandir, abrindo novas e empolgantes avenidas de investigação. Duas das mais relevantes para o nosso tempo são a **Ecocrítica** e as **Humanidades Digitais**. Elas nos oferecem, respectivamente, um novo conjunto de perguntas éticas sobre nosso lugar no mundo e novas ferramentas tecnológicas para responder a perguntas antigas em uma escala sem precedentes.

Ecocrítica

A **Ecocrítica** emerge da crescente consciência da crise ambiental. Essa abordagem lê a literatura com atenção à forma como ela representa a relação entre os seres humanos e o ambiente não-humano. Um comparatista com uma lente ecocrítica poderia, por exemplo, analisar mitos de criação de diferentes culturas. Como o mito bíblico do Gênesis, que concede ao homem o "domínio" sobre a natureza, se compara a um mito indígena amazônico, onde humanos, animais e plantas são parte de uma teia de parentesco interdependente? Em um momento de emergência climática, entender as raízes narrativas de nossa relação com o planeta deixa de ser um mero exercício acadêmico e se torna uma questão de sobrevivência.

A analogia aqui é a do astrônomo. A leitura atenta tradicional é como usar um telescópio para observar um planeta em detalhe. As Humanidades Digitais são como usar um radiotelescópio para mapear galáxias inteiras. Uma ferramenta não substitui a outra; elas se complementam.

A tecnologia nos permite fazer novas perguntas e visualizar a paisagem literária em uma escala macro, revelando as grandes marés temáticas que movem o oceano das histórias.



Humanidades Digitais

Usa ferramentas computacionais para analisar grandes bancos de dados textuais

Exemplo: Rastrear a evolução do tema da "melancolia" através de milhares de obras

Humanidades Digitais

Por outro lado, as **Humanidades Digitais** representam uma revolução metodológica. Imagine que você queira rastrear a evolução do tema da "melancolia" da Renascença até o Romantismo. Tradicionalmente, isso implicaria a leitura atenta de dezenas ou centenas de obras. Hoje, usando ferramentas computacionais para analisar grandes bancos de dados de textos digitalizados (*big data*), podemos fazer o que se chama de "leitura à distância" (*distant reading*). Seria possível rastrear a frequência de palavras como "tristeza", "sombra" e "solidão" em milhares de livros, identificando padrões e mudanças de larga escala que seriam invisíveis para um leitor individual.

Sua Vez de Ser o Detetive Literário



A teoria é o mapa, mas a prática é a jornada. Agora chegou o momento de você aplicar as ferramentas que discutimos e se tornar um verdadeiro "arqueólogo de histórias". Este exercício foi pensado não apenas para consolidar o aprendizado, mas também como um treino direto para questões discursivas de alto nível que exigem capacidade de análise e conexão entre diferentes obras e contextos.

Atividade: Rastreamento a Evolução de um Tema

01

Escolha seu Tema

Selecione um tema, arquétipo ou motivo que lhe interesse. Pode ser clássico, moderno ou até mesmo de um gênero específico.

Sugestões: A vingança, a jornada do herói, o amor proibido (Romeu e Julieta), a figura do cientista louco, a inteligência artificial que se rebela, a cidade como um personagem vivo.

03

Identifique Duas Variações

Encontre pelo menos duas outras obras (livros, filmes, peças, séries, etc.) de épocas e/ou culturas diferentes que trabalhem com o mesmo tema. (Exemplo: *O Médico e o Monstro*, de Stevenson; o filme *Dr. Fantástico*, de Kubrick).

02

Encontre a Origem

Faça uma pesquisa inicial para identificar uma das manifestações mais antigas ou influentes do seu tema. (Exemplo: Para o "cientista louco", um bom ponto de partida é *Frankenstein*, de Mary Shelley).

04

Analise a Transformação

Em um texto curto (3 a 4 parágrafos), responda às seguintes perguntas-chave:

- O que permaneceu constante no núcleo do tema em todas as versões? (A **persistência**).
- Quais foram as principais mudanças? Como o contexto histórico, social ou tecnológico de cada obra influenciou essas alterações? (A **variação**).
- O que essa evolução nos diz sobre as esperanças, medos e valores das sociedades que produziram cada uma dessas versões?

Dica Profissional: Salve esta atividade. Em uma futura prova, a capacidade de dizer "O tema X, que aparece na obra Y, é uma releitura do arquétipo Z, porém adaptado ao contexto de..., diferenciando-se da versão anterior por..." demonstra um domínio crítico que eleva o nível da sua resposta.

Síntese, Autoavaliação e Ponte para o Futuro

Chegamos ao final de nossa expedição pelo fascinante território da Tematologia. Nesta aula, agimos como viajantes no tempo, seguindo os rastros que as grandes histórias deixam através dos séculos. Vimos que temas e mitos não são fósseis inertes, mas organismos vivos, que respiram e se transformam para continuar dialogando conosco. Da jornada camaleônica de Don Juan à exploração de nosso "duplo" interior com Dostoiévski e Saramago, descobrimos que a análise temática é uma lente poderosa para entender não só a literatura, mas as próprias sociedades que a criam. Ao incorporar as perspectivas da crítica pós-colonial e as novas ferramentas das Humanidades Digitais, vimos que este campo de estudo está mais vivo e relevante do que nunca.

Em Prática

- Ao assistir a um filme ou série, tente identificar o tema central e pergunte a si mesmo: "Onde eu já vi essa estrutura narrativa antes?".
- Ao ler um clássico para um concurso, investigue como o seu tema principal reflete as tensões e os valores do período em que foi escrito.
- Use a "analogia do DNA narrativo" para explicar a um amigo como um mesmo mito pode dar origem a obras tão distintas.

Autoavaliação

1. **(Nível Fácil)** A *Stoffgeschichte* é um termo alemão que se refere principalmente ao estudo de: a) Estilos de escrita de diferentes autores. b) Biografias de personagens literários. c) A história e variação de temas e motivos literários. d) Estruturas gramaticais em textos antigos.
2. **(Nível Médio)** Ao comparar a versão de Molière do mito de Don Juan com a original de Tirso de Molina, a mudança mais significativa é: a) O final do personagem, que em Molière encontra a redenção. b) O foco, que se desloca de uma questão teológica para uma crítica da hipocrisia social. c) A nacionalidade do herói, que se torna francês em vez de espanhol. d) A ausência completa de elementos sobrenaturais na versão de Molière.
3. **(Nível Difícil - Estilo Banca)** Considerando as abordagens contemporâneas da Literatura Comparada, a análise do mito de Caliban, da obra *A Tempestade* de Shakespeare, sob uma ótica pós-colonial, visa principalmente a: a) Confirmar a universalidade do conflito entre natureza e civilização. b) Rastrear as influências do teatro renascentista italiano na obra de Shakespeare. c) Criticar a estrutura de poder colonial implícita na obra, ressignificando Caliban como uma figura de resistência. d) Analisar a tradução do nome "Caliban" como um anagrama de "canibal".
4. **(Nível Avançado)** A utilização de ferramentas de *big data* para analisar a frequência de temas em vastos corpora textuais é uma metodologia associada principalmente a qual campo de estudo? a) Ecocrítica. b) Estudos de Tradução. c) Mitanálise Clássica. d) Humanidades Digitais.

- Questão Discursiva:** Em até 5 linhas, explique como a análise do tema do *Doppelgänger* em *O Homem Duplicado* de Saramago difere da abordagem de Poe em "William Wilson", considerando o contexto de cada obra.

Gabarito: 1-C, 2-B, 3-C, 4-D. Resposta à discursiva (sugestão): Em Poe, o duplo é uma projeção moral/psicológica interna, típica do horror romântico. Em Saramago, o duplo é uma pessoa real e externa, gerando uma crise filosófica sobre a singularidade da identidade no mundo contemporâneo, onde o indivíduo se sente massificado.

Conexão com a Próxima Aula

Agora que compreendemos como os *conteúdos* (temas e mitos) viajam e se transformam, estamos prontos para investigar as *formas*. Como uma categoria como "romance", "poema épico" ou "tragédia" surge, se estabelece, evolui e, por vezes, se mistura com outras? Essa é a questão central da **Aula 8 – Genologia: A Evolução dos Gêneros Literários**, onde exploraremos as fronteiras e as transformações das próprias estruturas que organizam a literatura.

Recursos Adicionais

- **Livro:** *A Angústia da Influência* de Harold Bloom - Essencial para entender como os autores dialogam e "lutam" com os grandes temas e escritores do passado.
- **Artigo:** "Conjecturas sobre a Literatura Mundial" de Franco Moretti - Uma introdução fascinante ao uso de métodos quantitativos (*distant reading*) na análise literária.
- **Vídeo:** Busque por palestras de David Damrosch sobre *World Literature* - Fundamental para aprofundar a ideia de como as obras ganham nova vida ao circularem globalmente.